

# HISTÓRIA, LAZER E CULTURA: REFLEXÕES A PARTIR DO CORPO FLUMINENSE NOS SÉCULOS XIX-XX<sup>1</sup>

## HISTORY, LEISURE AND CULTURE: REFLECTIONS ON THE FLUMINENSE BODY IN THE NINETEENTH AND TWENTIETH CENTURIES

*Andrea Moreno<sup>2</sup>*

Penso ser desnecessário (re) afirmar a íntima relação entre história, lazer e cultura.

Os homens "lazeram", e o fazem a partir de sua história, construindo outras histórias. Produzindo, assim, uma história pessoal/social. O fazem, obviamente, imersos numa cultura.

Vou, aqui, tentar desenvolver essa idéia a partir da pesquisa que realizei sobre o corpo masculino no Rio de Janeiro na passagem do século XIX ao XX.

Nesse estudo, procurava compreender por que a ginástica, como uma prática corporal hegemônica na Europa, não habitava a produção cultural do Rio de Janeiro. Uma história de recusa, portanto. Instigava-me a ausência dessa prática corporal no cotidiano da vida fluminense. Comecei a perceber que as fontes, para a história, não se constituem apenas com a presença, mas também com sua ausência. O não-dito, o silêncio, o escondido, tornam-se fontes para o historiador atento.

Se desejava escrever essa história de recusa, devia fazê-lo pela escrita de uma história dos sentidos, sensível. Precisava encontrar formas que pudessem revelar-me a "alma"<sup>3</sup> do homem fluminense, por que ali é onde iria encontrar os motivos da recusa. Procurava, sobretudo, influenciada por THOMPSON, dar lugar ao sonho, ao desejo e à imaginação como possibilidades de fontes.

---

1 Esse texto foi escrito para a mesa redonda História, lazer e cultura, no Seminário Lazer em Debate, em maio de 2003. As idéias originais estão na tese de doutorado intitulada Corpo e práticas corporais num Rio de Janeiro: mosaico de imagens e textos, Faculdade de Educação, UNICAMP, 2001.

2 Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa. Doutora em Educação/UNICAMP.

3 O que venho chamando de "alma"? Refiro-me a este termo quando falo de um estado de espírito - de alguém, de algum grupo, comunidade, povo... Quando digo alma de um povo, estou me referindo a uma atmosfera, um ar que se respira, um sentimento, um comportamento, de um tempo e de um lugar, coisas que juntas (e sempre juntas!) vão possibilitar acontecimentos, fatos, como também podem explicar suas ausências. É possível procurar a alma de um espaço, de uma época e de um povo de várias formas e em vários locais. Considero a literatura lugar privilegiado para essa busca, junto com as composições musicais, com as artes plásticas, com as fotografias... Moreno, in: Soares, 2001.

Rejeitando o determinismo, as explicações meramente economicistas, dando lugar ao sensível...

Sabia, entretanto, da dificuldade de captar os modos de sentir de homens e mulheres daquele tempo. Por exemplo: o que significa ser lento ou veloz nos idos 1900? Pouco sabemos sobre o ritmo de seus gestos, os sentidos de seus olhares, a cadência de cada caminhada, as intolerâncias do olfato e da audição dos homens daquele tempo...

Desejava contar essa história contaminada pela experiência corporal e sensível dos homens. O que viam? O que comiam? O que cheiravam? O que olhavam? De que riam? Como se moviam? Como faziam amor? Como se exercitavam? Com o que cobriam ou não seus corpos? Por onde caminhavam?

Para conseguir isso, precisei ancorar-me numa concepção de história. Benjamim (1993) é preciso escovar a história a contra-pêlo, não apenas como o que foi, mas como um "a se fazer". Abandonar a idéia de um passado, um presente, um futuro imutáveis. Rememoramos sempre uma história que não vivemos, não vimos. Mas, se passado, presente e futuro se entrecruzam, aquela história é também a história que vivi, que se encontra lá, "dormindo" naquele cruzamento. Procuro, então, acordá-la, rememorando-a. Faço isso certa de que esta história passada é inacabada, e eu consigo, na ação de rememorar-la, despertar significados esquecidos. O que Benjamim (1993) vai dizer-me é que o passado permite outras, múltiplas, interpretações. Assim, não só poderia ter sido diferente, como ainda pode sê-lo. É o presente que o constituirá, e não o contrário.

Convencida que a ginástica, como prática corporal, não foi hegemônica no Rio de Janeiro, a despeito de sua presença nos discursos políticos, pareceres e documentos oficiais, teses acadêmicas, passei à busca dos "porquês?" Por que não foi hegemônica, por que não contaminou o cotidiano do homem fluminense?

Cabe aqui uma breve reflexão do que foi a ginástica européia.

Soares (1998) nos mostra como a ginástica vai se constituindo como prática corporal oficial, uma vez que não nasce oficial, limpa. Suas origens são baixas, invertidas, problemáticas. Constrói-se "a partir das relações cotidianas, dos divertimentos e festas populares, dos espetáculos de rua, do circo". E, para obter aceitação, vai se afastando do campo dos divertimentos. Eleita porque científica e por carregar símbolos para uma sociedade que requer simetria e nitidez.

Lá, e naquele momento, a Ginástica encontrou seu lugar. Encontrou o corpo no qual iria intervir. Desejou o corpo dos cidadãos europeus, e esse corpo também a desejou, permitiu que essa prática corporal o invadisse. Ao defender a aplicação dos métodos ginásticos no Brasil, o discurso do poder vislumbra fins parecidos com os estipulados pelo poder naquele continente, acreditando que, com essa medida, um povo europeizado surgiria aqui. Acontece que o Brasil não era a Europa, o povo fluminense não era o europeu.

A essa altura jogo uma outra âncora: a idéia de cotidiano. Segundo autores como Certeau (1994) e Ginzburg (1987), trata-se de procurar saber, apoiada

nos autores, não só como a classe dominante tentou impor sua cultura - neste caso, de exercitar o corpo - mas, sobretudo, como as classes populares resistem a culturas impostas ou como as reelaboram. Os autores acreditam que essa resistência se dá fundamentalmente no cotidiano. É aqui que homens e mulheres reinventam as coisas. Dessa forma, o cotidiano é uma forma de resistência. Se o homem fluminense recusou uma prática corporal, o fez em seu cotidiano, em seu dia-a-dia, com mecanismos de resistência: o riso, a bagunça, o silêncio, a rebeldia, o "estilo". Para compreender essa recusa, me foi necessário, pois, olhar para o cotidiano da vida fluminense.

Além disso, uma cidade é feita de diferentes tipos de homem; pessoas iguais não podem fazê-la existir. Era preciso, então, captar essa diversidade: olhando para os diferentes corpos. O corpo viril, forte, higienizado, e também os corpos marginais. Os que não deixaram textos escritos, mas que povoam quadros, romances, notícias de jornal.

Olhar o cotidiano significa, em outras palavras, fugir das generalizações.

Nesse caso, era preciso ainda mais: compreender, por exemplo, a forma de transmissão de uma cultura. Bakhtin (1993) vai dizer que a cultura não é monológica, tampouco única. Há unicidade e há polissemia. Se o encontro entre duas culturas é dialógico, não deveria implicar perda de identidade de nenhuma delas. Assim, se enriqueceriam mutuamente. Não sabiam os "transmissores de cultura" daquele tempo que heterogeneidade é riqueza, que diferenças são marcas de nossa condição humana...?

As diferentes linguagens corporais, por exemplo, permitem perceber o outro diferente de si, com seus tons, nuances, texturas... Fazem-se na história e são marcadas pela cultura. As diferentes práticas corporais tornam presente a visão de mundo dos homens e mulheres que as praticam.

Pude claramente perceber que a ausência da ginástica vinha acompanhada de outras presenças. O turfê e as regatas, os quais vão aparecer tão fortemente no cotidiano da vida fluminense. Me intrigava este cotejo. Teriam eles mais a ver com a "alma" fluminense?

Se, de fato, a ginástica - sobretudo a sueca, que vai ganhar a defesa de ilustres políticos, como Rui Barbosa - não contaminou o cotidiano da vida fluminense, por que isso aconteceu? Penso no deslocamento mecânico de práticas corporais de um povo para outro... Terá sido a ginástica pensada como o trabalho... antídoto da vagabundagem? E penso na "alma" do povo fluminense... Uma ginástica, tratada como o trabalho, cujo resultado está no porvir (ser um homem forte e saudável), que usurpa o direito de ser jogo, brincadeira, até luta... poderia contaminar um povo cujas características eram tão diferentes?

Lembremos que no Rio de Janeiro, nesse momento, proliferavam os cortiços e bairros pobres, habitados pelos que chegavam procurando emprego. Surgem ocupações mal definidas, de baixa remuneração, menores abandonados, desocupados, e a classe "potencialmente perigosa": malandros, ladrões, prostitutas, bicheiros, jogadores, pivetes, capoeiras. Povo que era a alma do Rio de Janeiro.

Mas o Rio desejava ser, e de certa forma também era, a cidade elitizada, de vida urbana elegante, civilizada e europeizada. O lugar de profissionais liberais, burocratas, empresários, empregados de comércio, estudantes. Sonha-se construir a Europa no Rio de Janeiro. Civilização era sinônimo de França e Inglaterra. Era nesses dois países que os brasileiros se inspiravam e buscavam o que havia de melhor: cultura, ensino, tecnologia, produtos.

Assim como importavam-se idéias, modos de vestir, de falar, de comportar-se, também as práticas corporais européias serviram de modelo à elite dirigente da época: era necessária uma mentalidade européia de exercitar o corpo. Lá, já existiam modelos prontos: testados, experimentados, explicados. É assim que vamos encontrar farto material em discursos políticos e científicos sobre a necessidade de se adotar para o povo brasileiro, ora o Método Francês, ora o Método Sueco de Ginástica.

Mas o povo fluminense não era o povo parisiense. Não existia o cidadão que se buscava, à moda européia. Não existia povo, no singular. Ao contrário, existiam povos demais. Esse povo não era redutível às explicações lógicas. Um povo que carnaliza a vida, que é cínico ou indiferente ao poder, para o qual ordem e desordem se confundem. Havia algo que escapava: a maneira de se comportar politicamente, de morar, de festejar e vestir-se, de cultivar seu corpo. Um povo que protagonizava outros tipos de manifestação, que não as políticas<sup>4</sup>. Rio Bilontra. Povo tribofeiro, velhaco, espertalhão, irônico, que acumula forças aparentemente contraditórias: de idéias, de cores, de raças e culturas. Que não estava presente na manifestação política clássica, mas nas manifestações culturais. Corpos se aglomeravam nas festas da Glória e da Penha, no entrudo, na Pequena África da Saúde, nos cortiços. Estes sim, verdadeiras repúblicas, com suas leis, seus valores, com vidas próprias. Lugar onde se reuniam ex-escravos, capoeiras, imigrantes, lavadeiras, sambistas, trabalhadores e trabalhadoras das mais diversas pequenas profissões. Lugar de gente com um sonho em comum: fazer da cidade seu espaço - lugar de liberdade, de prazer, de satisfação, de sobrevivência.

O corpo marginal rascunha, a primeira identidade coletiva da cidade, à revelia do que dele se esperava. No cotidiano, criou sua forma de resistir ao poder. Não se opondo frontalmente, mas subliminarmente. Pela indolência, pela negação ao trabalho, pelo riso, pela festa, pela persistência da alegria, pela permanência de seus ritmos e suas danças.

Havia uma contradição óbvia, visual até, entre as práticas corporais do povo fluminense e a ginástica. Molejo, movimentos do baixo-corporal, ginga, sensualidade, círculos. Animados por uma música sempre motivante, não podiam dialogar com as imagens que podemos ver das sessões de ginástica: alto-corporal sempre valorizado, retidão de movimentos, espaços metrificados. Uma ginástica que, diga-se, era conhecida na Suécia como a ginástica da tristeza.

<sup>4</sup> Entendida aqui no seu sentido clássico, de militância, greve, partido político etc. Faço essa ressalva por entender que as manifestações culturais são também políticas, entendidas no seu sentido amplo.

Não estou julgando práticas corporais boas ou más, ou que o "bem" estava do lado do povo - que recusou a ginástica - e o "mau" com a elite dirigente - que pensava e eventualmente praticava a ginástica. Estou, sim, considerando uma "outra" forma de prática corporal, que pode não ser melhor, nem pior, mas sem dúvida outra. Outra porque fundada a partir de uma outra ética. Como acredita GINZBURG, a cultura do povo tem sua própria organização. Não é inferior nem subordinada à cultura dominante. É outra.

Olhando para os corpos do povo fluminense e para as suas histórias, posso dizer que essa resistência não foi política - no sentido clássico do termo. A resistência à ginástica foi político-corporal, cultural, portanto. Falo em resistência no plano das atividades corporais. Quero com isso dizer que os homens do povo reagiram às diversas formas de opressão sobre seu corpo, não necessariamente organizando forças históricas de combate ao dominante, mas com armas que conheciam melhor: a defesa e a preservação uterina de sua identidade cultural, suas raízes, seu jeito de ser, sua alma.

Resistiram com a festa, por exemplo, a qual não exerce o papel só de válvula de escape, mas de coesão, de perpetuação de valores, de pressão, de resistência, de subversão. Festa que carrega "harmoniosamente" elementos aparentemente contraditórios de ordem e desordem, de recusa e enaltecimento do trabalho.

Por isso, o afastamento da ginástica do campo do entretenimento terá sido, talvez, o principal motivo de o Rio de Janeiro ter sido o não-lugar<sup>5</sup> da ginástica. Dizer não-lugar é diferente do que dizer que ela nunca existiu nessa cidade. Sim, ela existiu, mas nessa cidade circular nunca encontrou seu lugar. Talvez, sim, hegemônica no discurso.

O que significa dizer não-lugar? Significa dizer, metaforicamente, que a ginástica, como prática corporal, naquele Rio de Janeiro de fins do século XIX e início do século XX, não encontrou, no corpo do homem fluminense, espaço para alojar-se. O espaço existe, mas só se faz lugar quando se torna significativo, quando se deixa construir, quando sofre manipulação. Pensando no corpo, quando este se permite lugar de intervenção.

Estudando o cotidiano da vida fluminense, percebo que essa permissão não foi dada, porque nada havia nessa prática que pudesse impactar esse corpo, que pudesse gerar um mínimo de identidade, que tocasse em sua subjetividade, entendida.

---

<sup>5</sup> Ver mais sobre o tema "lugar" em ARANTES, 1995. Nessa obra a autora aborda a distinção entre espaço e lugar. Lugar é o espaço dotado de sentido e carregado de cultura. Aqui digo não-lugar na medida em que entendo que o corpo já nasce cultural e, portanto, não cabe me referir ao corpo como espaço.

*"(...) como uma espécie de envergadura interior, capaz de acolher, dar abrigo e morada às experiências da vida: percepções, pensamentos, fantasias, sentimentos, Ou se quisermos usar um só termo: afetos, diferentes expressões de como somos afetados pelo mundo."*  
(NAFFAH NETO, 1995. p.197).

O homem fluminense não quis dar abrigo a essa experiência, não deixou que seu corpo fosse morada dessa prática, não se deixou afetar por ela. Assim, sem espaço,

*"as experiências humanas não podem encontrar território, lugar de expressão, registro, tendo que ser projetadas alhures, negadas, ou permanecendo como espectros, incapazes de assumir forma definida."*  
(NAFFAH NETO, 1995. p.197).

Ao mergulhar nesse cotidiano chamou-me, logo, a atenção, a vocação para o prazer que tinha o homem fluminense. Maneiras de pensar e agir que iam sempre em direção a "fazer a vida melhor". E aqui, lembrava-me da cultura cômica popular, anunciada por Bakhtin (1993). O caráter alegre e festivo era uma constante no devir do homem do povo no Rio de Janeiro. Caráter esse que, como nos lembra o autor, tem seu princípio na festa, no banquete, na alegria e na festança - cuja marca é o rebaixamento e a inversão do corpo, das idéias, das coisas. Cenas que me vinham à mente toda vez que pensava nas cenas da Festa da Penha, nas cenas da capoeira, nas cenas do entrudo.

Constatava, por outro lado, que a ginástica, como prática corporal, não ia nessa direção - era uma prática sisuda, séria e racional, que pretendendo mexer com os corpos dos homens, não mexia com a sua alma, com a sua subjetividade - sem o que não podia fazer-se atividade eleita. Como não lembrar que a ginástica sueca sofria críticas até de sua vizinha ginástica francesa, acusando-a de ser uma ginástica que tinha como fundamento a anatomia, portanto o corpo morto!<sup>6</sup>

Havia um modo diferente de festejar, próprio desse homem. Lembremo-nos que grande parte da população carioca era negra, descendente de escravos, fato que dava características especiais a esse cotidiano, cujo maior motor era a vontade de se divertir.

Como imagem podemos ver um caldeirão de cultura que ferve, de baixo para cima, que trasborda e faz circular valores, comportamentos, jeitos de ser... Uma cultura que tem a capacidade de, ainda que rejeitada pela elite, atrair cada vez mais simpatizantes.

<sup>6</sup> Estou me referindo à polêmica existente entre os fisiologistas da Escola Francesa, que defendiam uma ginástica com base na fisiologia, criticando assim o Método Sueco, que se baseava na anatomia.

Fato é, entretanto, que práticas corporais do povo, suas músicas e danças, vão lentamente incorporar-se ao cotidiano fluminense. Imprimem de forma irreversível suas marcas na cidade.

A essa altura, parece-nos claro por que a rejeição à ginástica, sua não-circularidade, deve ser buscada nas subjetividades. Para circular é preciso que haja um mínimo de identidade, um mínimo de permissão do corpo, como se fosse preciso que a alma desse essa permissão.

Essa cultura de vocação para o prazer é também dona de um sentido singular de comunidade, fundamental para que essas pessoas conseguissem manter sua cultura viva. Mais do que isso, conseguiram divulgar seu imenso sentido de vida como confraternização para o conjunto da sociedade fluminense.

Apegados ferrenhamente à sua cultura, acabaram sendo hostis a práticas que desmontassem esses sentimentos. Tinham padrões próprios de valores e explicações outras para a vida. Sentimentos que não estão "concretamente" nos documentos, mas estão presentes subliminarmente em suas práticas corporais, em suas formas de convívio, em suas formas de viver. Formas extra-oficiais, que justamente por serem assim qualificadas, mantiveram, nesse período, sua autenticidade, evitando, como nos diz Bakhtin (1993), seu emudecimento. Não haveria nunca o dialogicismo entre culturas, na medida em que uma desejou calar a outra.

Não se trata, lógico, de olhar esse "jeito de ser" como vencedor sobre a cultura da elite. O que cabe, talvez, é olhar esse jeito como vencedor sobre o medo: supera-se o medo à autoridade, o medo ao inferno, o medo à polícia... Coragem que porta a possibilidade de um mundo não-oficial, ainda que seja efêmera e breve, como o mundo da festa fluminense. Coragem para sair gritando, pulando, se divertindo.

Cabe, sim, reconhecer as enormes marcas que "esse jeito" deixou na sociedade carioca. Sulcos tão profundos que nos fazem, insistentemente, ver em nossas pequenas histórias pessoais marcas dessa história social/cultural, e lança luz para entender por que era impossível que o Rio de Janeiro fosse palco para uma prática como a ginástica sueca.

Talvez, caiba lembrar Lima Barreto, para quem o ofício do historiador-artista é escrever a história não oficial, com sensibilidade, nem tanto apoiado na documentação, mas naquilo que é intuitivo e nas experiências vividas. O que minha intuição e minha experiência apontaram, nesse estudo, é que a vocação para o prazer e a capacidade para diversão princípios quase indestrutíveis do povo, esgrimaram diuturnamente, nesse período, pela sobrevivência, com diversas tentativas de "touché" sobre elas. A recusa à ginástica, nesse sentido, é emblemática.

Repito, ainda inspirada em Certeau (1994), uma recusa do sentimento, uma recusa do corpo, uma recusa da alma, para preservar suas idiossincrasias. Política porque todas essas atitudes o são.

Por fim, penso que só pude escrever essa história, apoiada na idéia de Bakhtin (1993), quando diz que a palavra é "neutra", no sentido de que podemos imprimir nela múltiplos significados. Não é palavra o que falamos ou

escrevemos - são mentiras, verdades, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis. Essa idéia me permitiu olhar com mais tranquilidade para as fontes não-oficiais: como espaço "neutro", poderiam estar me oferecendo possibilidades outras daquelas que teria, se no discurso do poder permanecesse. Amplio meu mergulho, tento subverter uma ordem marcada pela presença sempre forte de trabalhos historiográficos "convincentes".

Tento abrir uma porta para ressignificação do passado... Talvez esteja falando de tudo o que já foi falado, de outra forma... mas, se todo discurso é uma tensão entre o já dito e o novo, então já não estarei dizendo a mesma coisa.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Otilia. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: EDUSP, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento - o contexto de François Rabelais**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/ Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano - artes de fazer**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes - o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

MORENO, Andrea. **Corpo e Ginástica num Rio de Janeiro: mosaico de imagens e textos**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da UNICAMP, 2001.

NAFFAH NETO, Alfredo. **A subjetividade enquanto éthos**. Cadernos de Subjetividade, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. vol.3, n.2, p.197-199 set.-fev, 1995.

SOARES, Carmen Lucia. **Imagens da Educação no corpo**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, Carmen Lucia (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.

THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

---

**Endereço da autora**

Andrea Moreno

Universidade federal de Vicosa

Departamento de Educação Física

Endereço eletrônico: amoreno@ufv.br

**Recebido em: 15/06/2003**

**Aceito em: 25/06/2003**